

opiniões

a literatura
marginal brasileira
no atual contexto francês:
uma entrevista com
paula anacaona

*Priscilla Coutinho**

Criada e dirigida por Paula Anacaona, tradutora e escritora, a editora Anacaona surge em 2009 com o intuito de publicar a literatura brasileira em toda a sua diversidade e mestiçagem. Seu catálogo e escolha editorial tem o compromisso de divulgar uma literatura, assim chamada “das minorias”. Minoria que já vem reivindicada no seu próprio nome: “Anacaona foi uma guerreira haitiana na época da invasão espanhola, ela foi uma das primeiras a resistir contra o conquistador espanhol. É realmente uma figura de mulher resistente, indígena, forte, guerreira”, explica Paula.

Longe do estigma inicial que pesava sobre a pluma destes escritores ditos “marginais”, o que constatamos no atual momento é o crescente interesse que eles têm despertado no público leitor, na crítica literária e na indústria cultural. Tal interesse, atribuindo a essa produção artística um lugar de destaque até então desconhecido.

No panorama internacional, os numerosos convites para os salões de livros, nos quais a geração de escritores marginais afirma sua presença e contribui para a reconfiguração da paisagem literária brasileira, são testemunhas de um sucesso em plena ascensão.

* Doutora em Estudos Lusófonos – Literatura Brasileira pela Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 e pela Universidade de São Paulo. Atualmente é leitora de português na Université de Bourgogne. E-mail para contato: pricoutinho@hotmail.fr

*

Qual foi o primeiro contato que você teve com a literatura brasileira? E de onde vem essa paixão pelo Brasil?

Eu sempre gostei de literatura, quer seja francesa ou estrangeira. Quando eu comecei a me apaixonar pelo Brasil, há uns 15 anos, naturalmente eu vi que a literatura era também um bom meio para conhecer o país, também para aprender a língua, já que o português não era a minha língua “natural”. Rapidamente, então, eu comecei a ler, e eu vi também que havia poucos livros traduzidos para o francês. Foi aí que surgiu a ideia de traduzir primeiro alguns livros por outra editora, e depois eu decidi montar a minha própria editora.

E como entra a literatura da periferia nessa história? Como surge a ideia de criar uma editora que se dedique exclusivamente a esse tipo de literatura?

A literatura periférica brasileira veio depois. O primeiro livro que eu li de literatura brasileira foi José Lins do Rego, por isso que eu tenho uma paixão pela literatura do Nordeste. A literatura marginal veio porque, de vez em quando, eu fazia tradução/intérprete para quando tinha alguns autores brasileiros que vinham para a França. Foi assim que eu encontrei o Paulo Lins na época do *Cidade de Deus*. Eu fazia “interpretação” quando ele vinha. E então eu comecei a falar com ele e pedi: “e agora, tem outros escritores que escrevem esse realidade?”, e aí ele me falou do Ferréz, do *Manual Prático do Ódio*. Depois quando eu fui para o Brasil eu procurei esse livro. Eu li o *Manual* em uma noite porque eu viajava de ônibus, então eu li assim bem rapidamente. Gostei muito e, ao invés de propor esse livro para outras editoras como eu fazia antes, eu decidi montar a minha editora com esse livro. Na verdade, no começo eu não tinha muito esse plano de fazer uma editora focada na literatura marginal. Realmente veio pouco a pouco, porque com o Ferréz eu descobri depois toda a galera um pouco em torno dele. Ele também me indicou o Sacolinha, o Buzzo (Alessandro), o Marcelino Freire e muitos outros autores. E é sempre assim que eu descubro os autores, é sempre um que indica o outro. Agora eu tenho essa rede de escritores e eu tenho confiança no gosto deles. Agora também muitos autores me procuram porque eles ouviram falar de mim, e também, às vezes, eu trato com agentes literários. Isso as vezes é bom também, porque eles já fazem uma pequena seleção. Agora também estou em contato com o pessoal da FLUP (Festa Literária das Periferias). Agora eu publico bastante contos que foram escritos durante as oficinas de escrita que organiza a FLUP.

opiniões

Você desenvolveu três coleções: a *Urbana*, a *Terra* e a *Época*. Você poderia explicar a particularidade de cada uma delas e quais razões te levaram a criá-las dessa maneira?

Então, como eu falei, no começo nada era previsto. No começo eu realmente fiz essa editora com paixão e, pouco a pouco, eu comecei a organizar um pouco mais. Essa primeira coleção *Urbana* é focada na literatura da favela, e depois também eu vi que, como tinha poucos livros traduzidos do Brasil para a França, era também um pouco uma pena eu traduzir somente isso. Porque como o Brasil é realmente um país que eu gosto, eu queria mostrar toda a diversidade, toda a tradição literária que tem no Brasil, porque muitos franceses quando você fala que nos anos 30 tinha um movimento literário, tinha já a Semana de Arte Moderna e essas coisas, eles não têm a mínima ideia de que isso existia. Eu diria ainda que muitos pensam que nos anos 30 os brasileiros andavam todos pelados e com penas pela selva Amazônica. Então para mim era importante também publicar esses clássicos: José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, para mostrar a tradição literária do Brasil, e mostrar que todo esse movimento de literatura marginal não vem do nada. Eu acho que tem muito dessa tradição cordelista e dessa tradição do Nordeste. Então foi assim que surgiu a ideia da coleção *Terra*, e também por paixão pessoal pelo Nordeste que, como eu falei, eu gosto muito. Mas, na verdade, no começo foi um pouco difícil porque meus leitores da coleção *Urbana* ficam um pouco perdidos com esses livros assim mais “clássicos”, com uma ruralidade presente e essas coisas. Eu comecei, então, a ter assim dois públicos: um público mais jovem, mais moderno, mais cosmopolita, que mora na cidade, e também um público um pouco mais velho, mais do tipo da minha mãe, e que ia para a coleção *Terra*. Mas minha ambição era misturar um pouco esses públicos porque eu, pessoalmente, eu posso gostar de hip-hop e também posso gostar de literatura clássica. Eu acho que a gente tem que parar de fazer esses rótulos, essas classificações, e podemos ser assim “mestiços”, ou seja, gostar de várias coisas. Eu agora vejo que os públicos se misturaram, mas demorou um pouco. E também isso eu reparei depois. Eu acho que fazer uma coleção sobre o Nordeste tem muito sentido porque o nordestino é o marginal do Brasil. Na coleção *Urbana* são os marginalizados da cidade, e com a coleção do Nordeste é um pouco o marginalizado do Brasil, assim, em geral. Então eu achei que fazia bastante sentido. E depois a coleção *Época* eu lancei em 2015, na verdade para o *Salon du Livre* de Paris, porque em 2015 o Brasil foi o país homenageado. Isso foi um grande evento e eu sabia que a literatura brasileira ia estar bastante em evidência. Então eu quis nessa coleção publicar todos os livros brasileiros que, na verdade, não se encaixavam na literatura marginal e na literatura do Nordeste. Então, é mais uma coleção contemporânea que não é marginal e que não é sobre a ruralidade. Mas, para ser honesta com você, essa coleção é a coleção que eu tenho mais dificuldade para vender e de impor. Estou quase pensando em não publicar mais títulos nessa coleção porque o francês... bom, falar da favela, falar do Nordeste e da cana de açúcar, com todo esse “exotismo” o francês concorda. Mas ler um livro sobre um cara de 40 anos que mora em São Paulo, que divorcia da mulher... o francês, pra ele, não é o Brasil.

Talvez porque falar de favelas e do nordeste exponha pra esse leitor uma realidade distante e desperte o interesse pela descoberta de universos desconhecidos...

É verdade que quando você lê um livro você gosta de descobrir coisas e culturas completamente diferentes. Mas eu fiz também essa coleção porque eu queria mostrar que os paulistanos moram e têm a mesma vida, mais ou menos, que um parisiense. Ou seja, todo mundo não é favelado e não é nordestino. Mas eu devo reconhecer que fracassei um pouco. Eu acho que talvez uma grande editora poderia impor esse tipo de autor, mas eu tive dificuldade. Eu acho que para o ano que vem, em 2019, eu vou me concentrar mais nos autores afro-brasileiros, que isso também eu comecei em 2015. São livros que funcionam bem. Eu vejo também que no Brasil tem muita produção em torno desse tema e para o francês é uma descoberta essa questão afro-brasileira. Então eu acho que para o futuro, ou ao menos para o futuro próximo, eu vou mais nessa direção.

De modo geral, como você avalia a presença dos autores brasileiros no mercado editorial francês?

Bom, eu não quero ser pessimista, mas eu acho que tem cada vez menos interesse. Pra mim, muitas vezes, é até mesmo insultante, porque você pensa que as pessoas que têm um interesse pelo país... Na verdade, às vezes, você vê que não passa de uma moda. Ou seja, durante dois ou três anos eles leram alguns brasileiros, gostaram, mas agora eles estão lendo chineses ou indianos, e daqui a três anos eles vão ler outro país... então, realmente tem essas questões de moda que, quando você gosta de um país desde muito tempo, eu tenho dificuldade para entender... Ou seja, como uma pessoa que se interessou por temas como a injustiça, a desigualdade, como ela pode esquecer desses temas que não foram resolvidos e passar a outra coisa? Eu falo de vez em quando com a editora *Métailié*, que publicou muitos brasileiros, e todo mundo fala que autor brasileiro é muito complicado de vender. Eu acho que tem um pouco o problema da língua. Muitos autores brasileiros não falam francês, então quando você os convida é complicado para fazer encontros, essas coisas... Eu acho que isso é uma coisa super básica, mas eu acho que, por exemplo, um escritor argentino, mexicano, talvez ele fale francês um pouco mais facilmente e facilite a coisa. E eu acho também que há o problema do exotismo. O Brasil tem essa imagem muito positiva no exterior, de país cordial, de país do carnaval, e muitas vezes as pessoas vêm na feira do livro e elas vêm me dizer "Oh, você está vendo o tempo feio lá fora? Está chovendo, está frio... Me dá um livro brasileiro pra esquentar um pouco o meu cotidiano". O Brasil tem essa imagem de exotismo, para a qual o Jorge Amado contribuiu bastante. Para muitas pessoas, quando você fala "livro brasileiro", eles vão pensar nas mulatas, nessas coisas... e, então, quando você tenta propor outra coisa, as pessoas estão querendo alguma coisa, às vezes, um pouco mais fútil.

opiniões

Passados 9 anos de criação das Edições Anacaona, como você avalia a recepção dessa literatura marginal? Você conseguiu fidelizar um público leitor? Há um crescente na venda desses títulos que você edita?

Houve realmente um crescimento desde a criação da editora em 2009 até 2015, um crescimento muito importante. O que é normal, porque quando você começa do nada é normal que tenho um crescimento. Em 2015 foi o auge da editora, mas justamente eu acho que o Brasil pagou muito caro essa feira do livro, essa homenagem, porque eles pensaram que depois ia-se criar justamente um interesse de vários anos pela literatura. E muitos profissionais viram que foi um pouco como um *soufflé*. Ou seja, bombou, bombou, e estourou muito rapidamente. Por exemplo, muitos alemães também viram isso porque o Brasil foi homenageado em Frankfurt em 2013. Então também em 2013 todas essas editoras brasileiras de lá bombaram e depois tudo caiu. E, por exemplo, eu tinha as cifras, eu acho que em 2015 na França teve algo como 40 livros brasileiros publicados nesse ano e no ano seguinte teve 5. Muitas editoras publicaram livros brasileiros pra se encaixar com o tema geral, mas no ano seguinte elas não continuaram com esse trabalho. Então eu acho que os milhões de reais que o governo brasileiro gastou nesses eventos... não sei se realmente eles conseguiram fazer essa *soft power diplomacy* que eles estão querendo fazer.

Durante todos esses anos de trabalho editorial, você contou ou conta com a ajuda de programas promovidos pelo Ministério da Cultura do Brasil em apoio à tradução e publicação de autores brasileiros no exterior?

Eu consegui a ajuda da Fundação Biblioteca Nacional para vários livros, que é uma ajuda para tradução, e geralmente eles dão entre 1.000 e 1.500 dólares, o que não é suficiente pra pagar a tradução do livro, mas já dá uma ajuda. Mas os critérios de atribuição desse dinheiro são muito confusos. Às vezes eu tenho, às vezes eu não tenho. Eu não consigo saber porque eu recebi ou porque eu não recebi. Aliás, o que é muito engraçado é que muitas vezes os livros que funcionam mais, que eu acho que têm mais potencial, são livros para os quais eu não tenho essa ajuda. Por exemplo, para os livros da Conceição Evaristo eu nunca tive essa ajuda. Para os livros da favela eu nunca tive ajuda. É um pouco um sorteio... Ou seja, quando recebo, eu faço o pedido e fico feliz. E agora com as dificuldades financeiras do Brasil, o edital realmente diminuiu bastante. Eu ouvi falar que eles estão recomeçando o edital para 2018-2020, mas eu acho que eu nem vou pedir, porque os últimos pedidos que eu fiz pra quatro livros eu não recebi nenhum. O único francês que recebeu ajuda foi uma editora muito grande, a *Actes Sud*, que publica a Patrícia Mello e que não precisa dessa ajuda. Eu acho que eles teriam que fazer alguma coisa... Porque se são só os grandes que recebem esse dinheiro... Ou seja, eles não precisam. Mas eu devo reconhecer que eu tive essa ajuda durante alguns anos, vamos dizer entre 2012

e 2016. Eles realmente me ajudaram bastante e então posso agradecê-los por esse período. Mas agora também eu entendo que com a situação financeira do Brasil seja complicado aceitar todos esses pedidos.

Sabendo que essa efervescência cultural nas periferias das grandes cidades, e com ela a projeção da literatura e dos escritores oriundos desse universo, deve-se muito às ações da política cultural dos últimos anos (e aí penso sobretudo na era Lula), e tendo em vista os cortes do atual governo nas áreas da cultura e da educação, com a inversão de uma ideologia política que não só ameaça a democracia brasileira, mas promete tolher ainda mais os direitos participativos da população, você acredita que um cenário como esse pode influenciar a produção literária das periferias do Brasil?

Não, porque justamente isso que eu admiro muito nessa produção literária na periferia é que é uma produção que se faz realmente com muito pouco recurso. Então, se tiver uma ajuda do governo, tudo bem. Se não tiver ajuda, eles fazem esses livros baratinhos, fazendo fotocópias, e eles conseguem se virar. Às vezes até eles nem publicam uma versão papel, eles só fazem uma versão digital. Eu acho que é isso que é muito bom. Ou seja, a gente não deve esperar ajuda do governo, a gente tem que achar os recursos nós mesmos para fazer essa literatura. E aí é que entra essa questão da guerrilha. O Ferréz fala muito isso, que a literatura da periferia é uma literatura de guerrilha. Por exemplo, muitas vezes os escritores da periferia estão com a mochila, com os livros na mochila. Eles vendem os livros a 20 reais; se você tem 10 reais eles te dão por 10 reais. Bom, eu não sou assim uma guerrilheira, eu também estou tentando me inserir um pouco mais no mercado tradicional, mas realmente essas técnicas que eles têm, às vezes, eu tento me inspirar um pouco, justamente para contornar um pouco o mercado francês, que é bem tradicional. Então, às vezes, eu também tenho a minha mochila com os livros.

Além das coleções aqui já mencionadas, você também se dedicou à criação de uma coleção infantil: a coleção *Junior*. Como surgiu essa ideia?

Eu acho que foi, na verdade, uma ideia por razões comerciais, porque talvez se fosse há dez anos atrás, meus filhos eram pequenos e talvez eu tivesse tido essa vontade sozinha. Mas agora, eu só vi que o público leitor é um público cada vez mais velho. Muitas vezes são avós, são eles que estão mais dispostos a comprar livros para os netos. Eu vejo também os pais que leem cada vez menos, porque os pais de 40 anos estão no trabalho, eles têm *Netflix*, eles têm celular... Então eu vejo as pessoas lerem cada vez menos. Mas, para os filhos, as pessoas estão dispostas a incentivar a leitura. Então eu acho que, provavelmente, a taxa de leitor no público infanto-juvenil é maior que no público adulto,

opiniões

pelo menos na França. As crianças leem muito porque ainda nas escolas tem essas leituras obrigatórias, mas depois, a partir dos 12, 15 anos, aí entra o celular, o *Instagram*, aí o livro está ferrado. Então foi isso. E também essa questão de se educar um pouco o leitor quando jovem. O que eu falei antes a respeito do francês que tem um pouco esse clichê sobre o Brasil... Bom, talvez se aos 6 anos o francês ler um livro sobre o Brasil que fuja desses clichês, aí quando ele for adulto, ele não vai ter esses clichês. Então também é uma questão de educação.

Quais são os planos das Edições Anacaona para o futuro?

Por enquanto os livros afro-brasileiros eu os coloquei na coleção *Terra*. Bom, eu poderia ter criado outra coleção, mas eu coloquei dentro dessa. Então temos os três livros da Conceição (Evaristo), o último a gente acabou de lançar em maio que é *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Mas, para o futuro, em outubro, eu vou lançar um livro da Jarid Arraes que se chama *As lendas de Dandara* e que em francês será: *Dandara, esclave libre*. Porque eu achei interessante esse movimento no Brasil que se dedica mais à reescrita da História oficial e descobrir que essas heroínas, sobretudo mulheres, sobretudo indígenas ou negras que, na verdade, tiveram um papel muito importante. Mas como a História é sempre escrita pelo vencedor, geralmente ele esquece, ele minimiza esse papel dos indígenas e dos negros. Eu acho que a Jarid tem um trabalho bacana de divulgação dessas heroínas. Isso vai ser em outubro. E para o Natal, entre novembro e dezembro, a gente vai lançar um álbum para o qual eu vou escrever a história e o Mauricio Negro vai fazer as ilustrações. Vai ser um livro muito ilustrado, e vai ser um livro sobre a Anacaona, porque Anacaona não é o meu verdadeiro nome, Anacaona foi uma guerreira haitiana na época da invasão espanhola, ela foi uma das primeiras a resistir contra o conquistador espanhol. É realmente uma figura de mulher resistente, indígena, forte, guerreira. Eu acho que combina bem com o livro da *Dandara*. O último trimestre de 2018 vai ser realmente sobre essa questão de resistência, de mulher heroína e mulher das minorias.

*

Qual seria o lugar da literatura marginal brasileira no atual cenário internacional? A voz oriunda das periferias seria uma nova forma de expressão literária em desenvolvimento, ou apenas a repetição de um clichê historicamente atribuído à sociedade brasileira? Numa conversa franca, Paula Anacaona nos revela seu ponto de vista sobre o assunto, compartilhando sua experiência profissional no meio editorial francês.

Fundadora das edições Anacaona, seu projeto foi motivado por um desejo pessoal de difundir a produção literária das minorias e suas diversidades. Suas publicações privilegiam as narrativas consideradas marginais, sendo, em sua maioria, oriundas das periferias urbanas ou dos distantes espaços rurais brasileiros.

Mas ao trazer à tona esses espaços « esquecidos » e essas vozes silenciadas, estaríamos nós contribuindo para a disseminação de um singular movimento literário, ou estaríamos uma vez mais caindo na armadilha do esperado “exotismo” brasileiro? Eis algumas questões que, através dessa entrevista, buscamos refletir.